

SAÚDE MENTAL, VIOLÊNCIAS E SUPERAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE: VIOLA DAVIS, UM PERCURSO DE DESCOBERTA DE SI

Marília Martins de Araújo Reis¹.

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/6333624577181121>

RESUMO: As artes audiovisuais e a escrita tem sido um espaço cada vez mais eminente enquanto formador de opiniões e influenciador de comportamentos na atualidade. Uma das artistas de maior destaque nas telas é a atriz Viola Davis. Nascida em 1965, em St. Matthews, Carolina do Sul, EUA, Viola é a atriz negra norte-americana com maior número de indicações ao Oscar, sendo ganhadora de diversas premiações no cinema, televisão e teatro, reconhecida pela versatilidade e sensibilidade na atuação. A partir de uma breve pesquisa biográfica, bibliográfica e documental sobre a atriz, realizou-se então uma sucinta análise do seu percurso de vida, observando a importância da arte no âmbito das subjetividades e coletividades da atriz. A história de Viola desvelou um passado insalubre, que retrata múltiplas vulnerabilidades vivenciadas na infância e adolescência, cercada pela pobreza, violência doméstica e racismo, deixando-lhe marcas profundas na saúde mental, as quais refletem a colonialidade. Diante disto, a arte lhe proporcionou novos sentidos, e um caminho curativo, tornando-a um expoente, tanto na atuação, na quebra de estereótipos sociais da mulher negra, quanto na superação e inspiração para muitas meninas negras, que ousam sonhar e lutar para serem um dia o que almejam, mesmo diante de adversidades interseccionais.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental. Viola Davis. Cura através da arte.

MENTAL HEALTH, VIOLENCE AND OVERCOMING THROUGH ART: VIOLA DAVIS, A JOURNEY OF SELF-DISCOVERY

ABSTRACT: Audiovisual arts and writing have become increasingly important as opinion-formers and influencers of behavior today. One of the most prominent artists on screen is actress Viola Davis. Born in 1965 in St. Matthews, South Carolina, USA, Viola is the black American actress with the most Oscar nominations, having won several awards in film, television and theater, recognized for her versatility and sensitivity in acting. Based on a brief biographical, bibliographical and documentary research on the actress, a brief analysis of her life path was then carried out, observing the importance of art in the scope of the

actress's subjectivities and collectivities. Viola's story revealed an unhealthy past, which portrays multiple vulnerabilities experienced in childhood and adolescence, surrounded by poverty, domestic violence and racism, leaving deep marks on her mental health, which reflect coloniality. In view of this, art provided her with new meanings and a healing path, making her an exponent, both in acting, in breaking social stereotypes of black women, and in overcoming and inspiring many black girls, who dare to dream and fight to one day be what they aspire to be, even in the face of intersectional adversities words.

KEYWORDS: Mental Health. Viola Davis. Healing through art.

INTRODUÇÃO

Em 2015, Viola Davis declarou não somente desejar, mas achar que merecia estar na História, acreditando que sua história merecia ser contada (People, 2015). Ao escrever sua biografia, *Finding me*, publicada em 2022 (traduzida no Brasil como “Em busca de mim”) (Davis, 2022), a atriz e produtora estadunidense realizou um processo corajoso de elaboração afetiva através da escrita, de sua trajetória pessoal e profissional, “atando e desatando nós” acerca do sofrimento, da sua identidade racial, processo de autoconhecimento e autoaceitação no transcurso de uma infância e adolescência, permeadas pela dor decorrente do racismo, violências e vulnerabilidades socioeconômicas.

Viola relata em sua autobiografia que a soma da negritude e da pobreza gera uma invisibilidade brutal (Davis, 2022), remetendo à danosa interseccionalidade evidenciada por determinantes sociais de raça e classe, como proposto por Crenshaw (2002). Esta invisibilidade trazida pela atriz, remete à zona do “não ser” – de invisibilidade e violências direcionadas para quem é negro e pobre – baseado na proposta de Fanon (2008), de que a categoria raça foi criada para dividir as duas zonas - do “ser” e do “não ser”.

Diante desta complexidade existencial e de múltiplos sofrimentos, em uma trajetória desafiante, a atriz se encontra desde a infância cercada por uma realidade que nega cotidianamente a vida e sua continuidade, seja pelas opressões socioeconômicas, racistas, ou processos subjetivos cercados de angústia, culpa e inferioridade, gerados nestas condições de “sub-existência”. Pode-se afirmar então que, todo este contexto é fruto da colonialidade que, segundo Restrepo e Hojas (2010), define-se enquanto padrão de poder que continua depois da independência político-administrativa de um lugar, como uma matriz de poder baseado no estabelecimento de hierarquias legitimadoras de opressões e que promovem processos de violência.

Nascida St. Matthews, Carolina do Sul, EUA, na fazenda de sua avó, em 10 de agosto de 1965, Viola Davis é a segunda mais nova de seis irmãos. Ainda bebê, migraram para Central Falls, Rhode Island, onde passou a infância. Sua mãe, Mae Alice, empregada doméstica, operária de uma fábrica e dona de casa, foi ativista durante o Movimento dos Direitos Civis dos negros norte-americanos e quando a atriz tinha dois anos, Mae Alice

foi presa em um protesto, levando-a consigo (Chérolet, 2023). A mãe de Viola sofria frequentemente violência doméstica por parte do seu pai, Dan Davis, um treinador de cavalos.

Estudou na escola *Rhode Island College*, até se formar em Teatro, concluindo o Ensino Médio em 1988, ambiente no qual na infância, era vítima de bullying, por diversos motivos, sobre o que se questionava porque ela tinha que passar por todo aquele julgamento, porque sofria bullying o tempo todo, seja por suas vestes, cabelo, cor, fome, sendo tais vivências traumatizantes, em que a pior delas era sua vida familiar (Davis, 2022). A situação de pobreza levou por diversas vezes a pequena “Vi”, como era chamada, a passar necessidades, ficar sem roupas suficientes, sem uma higienização adequada pela falta de recursos, como água e sabão. Como agravo, além do bullying dos colegas, por vezes era repreendida pelos professores por “cheirar a urina”. Em sua biografia, Davis (2022) revela que humilhações e perseguições recheadas de racismo e abusos não faltaram em sua caminhada. Fantasias a realidade foi, então, uma forma de driblar o sofrimento, juntamente com uma de suas irmãs, Delloris, quando dormiam para esquecer as dificuldades ou brincavam por horas de ser matronas brancas, “dondocas” de Beverly Hills, ricas, com pets de elite; até transcenderem, enquanto sua mãe apanhava do seu pai em outro cômodo da casa.

Ainda na infância, ao assistir *The Autobiography of Miss Jane Pittman*, na televisão em 1974 (*The New York Times*, 2007), estrelado pela atriz Cicely Tyson, de beleza negra, talentosa e imponente, Viola tem uma experiência de encantamento, revelando-lhe “uma mão que se estendia em sua direção” a qual, por um momento, a fez expulsar a culpa e os sentimentos negativos que tinha sobre si mesma, pelo fato de ser quem era. Ela descobre o poder do talento artístico e escolhe como propósito de vida ser atriz (Davis, 2022). Sobre esta vivência, Vieira e Zanvettor (2018) afirmam que o exemplo de outra mulher negra tem um impacto transformador na vida de outras mulheres de mesma raça, a exemplo de Harriet Hosss Tubman, que nas décadas de 1840 a 1890 lutou como precursora dos feminismos negros e até hoje inspira as lutas pelos direitos civis, principalmente de mulheres negras. Sob a inspiração da Srta. Tyson, Viola desempenha sua primeira performance em um concurso no *Jenks Park*, em *Central Falls*, com um esquete produzido com recursos próprios, precários, com participação de suas irmãs, o qual venceram (Davis, 2022).

Estas vivências traduzem-se para a atriz a existência de uma esperança de vida, um sentido para continuar, encontrar seu fortalecimento identitário, bem como a realização e provisão material para si e sua família: a arte. É este encontro com as artes cênicas e escrita autobiográfica da atriz, que inspira a escrita deste estudo, em uma breve análise do seu percurso, harmonizando a caminhada da atriz e sua relação com a arte, como instrumento de superação, cura e canal de empoderamento no âmbito interseccional – gênero, raça e classe – além do ativismo antirracista no continente americano.

OBJETIVO

Realizar uma sucinta análise do seu percurso de vida da atriz e produtora norte-americana Viola Davis, observando os impactos de múltiplas violências na saúde mental e a importância da arte no âmbito das subjetividades e coletividades, enquanto instrumento de cura, superação e empoderamento feminino.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza básica, e quanto aos objetivos, exploratória. Quanto aos procedimentos, é uma pesquisa bibliográfica, biográfica e documental, utilizando-se para coleta de dados, plataformas científicas como *Sciello*, Google Acadêmico, Plataforma de Teses e Dissertações, livros impressos e e-books, Redes Sociais, revistas, jornais e vídeos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A independência das colônias, a abolição da escravidão nas Américas não foram sinônimos do fim das opressões sobre o povo preto em todo o continente. Ao inverso, a partir desta etapa histórica, segundo Hermes e Umbach (2022) a manutenção da subalternidade permaneceu e se intensificou em uma dinâmica, na qual o sexismo e o racismo contemporâneos vem destas bases históricas do período colonial, mantidas até hoje pela colonialidade. Em uma destas Américas – a do Norte - em que se inclui uma das maiores potências da História da humanidade, os Estados Unidos, abriga-se também, segundo bell hooks (2000), hierarquizações advindas da colonialidade que fundamentam ações discriminatórias e opressivas vinculadas à naturalização da violência. É neste contexto que a menina Viola cresce, percorre a infância “insalubre” e nela também encontra saídas para o protagonismo.

Segundo sua autobiografia (Davis, 2022), na adolescência, aos 14 anos, cursando o Ensino Médio, a atriz participou do programa do governo *Upward Bound*, uma simulação da faculdade, no qual conheceu o professor Ron Stetson, grande incentivador de uma autoestima positiva, que a faz compreender a necessidade de contar sua própria história, para superar os próprios medos. Posteriormente, em 1982, participou do *Arts recognition and Talent Search*, uma competição em Miami, Flórida e venceu. Foi nomeada “Jovem artista promissora” em *Central Falls* e recebeu uma bolsa de estudos do *Preparatory Enrollment Program* (PEP), curso complementar ao *Upward Bound*. Ingressa na Faculdade aos dezessete anos, frequentando a renomada *Juilliard School*, onde se formou em Teatro, em 1993 (Valor Econômico on line, 2020). Nos momentos de depressão, quando se encontrou sozinha, longe de casa, a lembrança da determinação de sua irmã Dianne a influenciou em manter-se firme no propósito de fazerem uma faculdade, construindo um destino diferente dos de seus pais (Davis, 2022). Viola inicia a carreira no teatro, destacando-se na *Broadway*

em 1996, na peça *Seven Guitars*, do dramaturgo August Wilson. A arte representou para si algo mais profundo, que apenas uma profissão, ou uma forma de ascensão social: foi a cura para suas feridas mais profundas, um processo de aceitação, valorização pessoal, elaboração psíquica e afirmação identitária. Ela chega a afirmar que se tornou atriz em vista da atuação ser um recurso de cura (Davis, 2022).

Nos anos posteriores Viola Davis ascende como atriz, com reconhecimento profissional, no teatro, cinema e televisão, com 41 indicações a prêmios entre 2008 e 2023, ganhado 14 prêmios, dos quais: Oscar, Globo de Ouro, Bafta (2016) de Melhor Atriz Coadjuvante por *Fences*; *Emmy* do *Prime Time* (2015, 2016, 2017) de Melhor Atriz em Série Dramática, por *How to Get Away with Murder*, dentre outros. No ano de 2017, obteve a estrela na Calçada da fama de Hollywood (Biography, 2021). Em 2023, foi contemplada com um Grammy pela gravação em audiobook de sua autobiografia *Finding Me*, na categoria de Álbum de Palavras Mais Faladas. Atingiu então, o status “EGOT”, ao se tornar a quarta pessoa negra a ganhar os quatro principais prêmios norte-americanos – Emmy, Grammy, Oscar e Tony – somente contemplado por outras 18 pessoas (Ray, 2023).

Na militância antirracista, em 2018 participou da série de documentários *Two-Sides*, que expõe a violência da polícia contra a comunidade afro-americana, pronunciando-se também nas redes sociais. Suas redes sociais, como o Instagram e Facebook, apresentam denúncias de violências impetradas a jovens negros norte-americanos, mortos devido o racismo. Em sua luta pela igualdade de gênero em Hollywood, Viola Davis reage e “rema contra a maré” dos estigmas do ideário racializado da mulher negra, atuando em papéis que procuram desconstruir este estereótipo cultural, o qual, baseado em Foucault (2019), demonstra a relação de dominação e sujeição que ocorre sob múltiplas formas na sociedade, funcionando no interior do corpo social. Neste sentido, em diversos momentos, discursa e evidencia seu protagonismo, seu posicionamento politizado, escolhendo personagens como Annelise Keating, advogada negra bem sucedida, protagonista da premiada série americana que lhe frutificou o Emmy, que retira a mulher negra de um lugar servil, com corpos docilizados, para lugares de poder. De igual modo, fortalece a imagem da mulher negra em diferentes tempos históricos, ao protagonizar o filme *The Woman King*, como Nanisca, uma agogie, que integrava o grupo de mulheres guerreiras de um exército exclusivamente feminino para defender o Reino de Daomé, no século XIX, no atual Benin, África (Silva, 2023). Segundo Fraguito (2023), por esta interpretação, ao ganhar o prêmio ASB Board of Governors Award na cerimônia da *American Society of Cinematographers*, em 2023, Viola discursa ser aquele prêmio para a Viola de 6 anos, que sempre era chamada de feia e era afirmada como alguém sem valor, mas ela correu e “passou o bastão” para a Viola de 14 anos, que teve a ideia de ser atriz, quando não havia nenhuma saída para a pobreza e violência.

Estas vivências de Viola Davis ilustram sobre o conceito de “Imagens de Controle”, de Patrícia Hill Collins (2019), pelo qual pode-se afirmar que produções textuais e audiovisuais articulam linguagem e cultura, ao elaborar as imagens de personagens femininas negras,

de forma a problematizar as relações entre a indústria cultural e o reforço de lugares sociais destinados a corpos racializados. Sobre isto, Jesus (2022) afirma que as mulheres negras apresentadas demonstram que é preciso discutir e questionar as relações de gênero e as inúmeras opressões que elas passam sempre ancoradas a discursos de poder. Neste contexto, Viola se destacou na ocasião da entrega dos prêmios através dos seus discursos de agradecimento, marcados pela militância e inspiração para outras meninas e mulheres negras, citando-se aqui o Emmy, em 2015, no qual eleva a mulher negra e denuncia a invisibilidade dessa mulher em uma mídia hegemonicamente branca (Television Academy, 2015; Carta Capital, 2015; Vieira; Zaventtor, 2018), ao lembrar as palavras da militante Harriet Hosss Tubman, para afirmar que a única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra pessoa era a oportunidade e que não se podia ganhar um Emmy por papéis que não existiam (Television Academy, 2015). Davis foi considerada pela Revista Time como uma das 100 pessoas mais influentes do planeta nos anos de 2012 e 2017, sendo a primeira atriz negra a ganhar o Emmy de melhor atriz em Série Dramática na televisão em 67 anos do Emmy, e a atriz negra mais indicada ao Oscar, somando três indicações ao prêmio (Chérolet, 2023). No âmbito pessoal, a atriz casou-se em 2003, com o também ator Julius Tennon e adotam em 2011 sua única filha, Genesis. Pode-se considerar que a atriz é atualmente uma referência produtora de saúde e empoderamento para mulheres negras, apontando caminhos possíveis e curativos através da arte, como canal de fortalecimento identitário e de autoestima.

Figura 1: Viola Davis.



Fonte: Folha UOL

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a esta trajetória, é inegável a excelência da atriz Viola Davis, tanto em superação por todas as adversidades interseccionais – de raça, classe e gênero - na infância e adolescência, como pela persistência e militância antirracista, pelos Direitos Civis dos negros norte-americanos, posicionando-se publicamente enquanto artista e enquanto mulher, para o fortalecimento da presença da feminina negra em espaços de destaque,

e na contribuição para a desconstrução dos seus estereótipos sociais preconceituosos e limitantes no meio artístico audiovisual.

O poder curativo da arte, seja no exercício das artes cênicas, ou da escrita, foram evidenciados enquanto espaços e recursos de poder terapêutico, que possibilitaram a elaboração do sofrimento psíquico da atriz, diante das múltiplas violências enfrentadas, direcionando-a a estabelecer sua saúde mental, além de fortalecer sua identidade enquanto mulher negra.

Sugere-se que a pesquisa bibliográfica, biográfica e documental alcançou seus objetivos, evidenciando em diversas fontes através da trajetória da atriz, o potencial da arte, tanto cênica, quanto a escrita, enquanto canal elaborativo de vivências e sofrimentos, bem como espaço de protagonismo feminino e luta pelos direitos civis. Propõe-se ser importante a criação de políticas públicas de arte e cultura que possam possibilitar a diferentes segmentos da sociedade, oportunidades de acesso a estes espaços.

REFERÊNCIAS

BIOGRAPHY. Viola Davis. Atores famosos. História Negra. Publicado em 14 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.biography.com/actors/viola-davis#early-career> Acesso em: 01 Jul. 2024.

CARTA CAPITAL. De Viola Davis ao Brasil: websérie com mulheres negras em destaque. Sociedade. 21 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/de-viola-davis-ao-brasil-webserie-com-mulheres-negras-em-destaque-9218> Acesso em: 12 set. 2024.

CHÉROLET, Brenda. **Quem é Viola Davis?** Notícias. Educa Mais Brasil. Publicado em 12 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/quem-e-viola-davis> Acesso em: 10 ago. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2016. 244 p.

DAVIS, Viola. **Em busca de mim.** Tradução Karine Ribeiro. 1. ed. - Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

EVARISTO, C. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas; Fundação da Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas.** Edufba Editora: Bahia. 2008.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder.** Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRAGUITO, Giovana. **O discurso emocionante de Viola Davis sobre superação e autoestima**. Mundo. Veja. Publicado em 06 de março de 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/o-discurso-emocionante-de-viola-davis-sobre-superacao-e-autoestima> Acesso em: 05 Dez. 2024.

HERMES, E. S.; UMBACH, R. Ú. K.. À sombra da colonialidade: a violência em “The welcome table”, de Alice Walker, e “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo. **Ilha do Desterro**, v. 75, n. 2, p. 105–132, maio 2022.

HOOKS, bell. **Feminist theory: from the margin to center**. 2nd ed. Cambridge: South and Press, 2000.

JESUS, Lavínia Rodrigues de. **Imagens de controle, racismo, sexismo e pobreza: autodefinição, luta e resistência de mulheres negras** (Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo). Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos. Instituto de Educação a Distância. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Repositório UNILAB. São Francisco do Conde, 2022. 2022. 13 p. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2976/3/2022_arti_laviniajesus.pdf Acesso em: 01 Jan. 2024.

PEOPLE. COM. **Viola Davis: ‘My Story Deserves to Be Told’**. August, 2015. Disponível em: <https://people.com/tv/viola-davis-my-story-deserves-to-be-told> Acesso em: 12 set. 2024.

RAY, Siladytia. Viola Davis vence Grammy e atinge o status EGOT. Forbes Mulher. **Forbes**. Publicado em 06 de fevereiro de 2023. Disponível em: Leia mais em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/02/viola-davis-vence-grammy-e-atinge-o-status-egot/> Disponível em: 10 Set. 2024.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010. Disponível em: <https://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/Inflexion.pdf> Acesso em: 06 dez. 2024.

SILVA, Cíntia Valéria de Souza. **Mulheres negras militantes na educação em Açailândia, Maranhão**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED). Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz, 2023. 116 f.

TELEVISION ACADEMY. **Viola Davis Gives Powerful Speech About Diversity and Opportunity | Emmys 2015**. YouTube. 21 de setembro de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OSpQfvd_zkE&t=162s Acesso em: 10 mar. 2024.

THE NEW YORK TIMES. Movies. The Autobiography of Miss Jane Pittman (1974). Saturday, october 13, 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071013182420/http://movies.nytimes.com/movie/3358/The-Autobiography-of-Miss-Jane-Pittman/overview> Acesso em: 8 Jun. 2024.

VALOR ECONÔMICO (ON LINE). Cidadão global. Conteúdo de marca. Santander. Viola

Davis: a vida como um protesto pela igualdade. 23 de outubro de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/santander/cidadao-global/noticia/2020/10/23/viola-davis-a-vida-como-um-protesto-pela-igualdade.ghtml> Acesso em: 11 out. 2024.

VIEIRA, Luana Victoria Costa; ZANVETTOR, Kátia. Discurso de Viola Davis no Emmy e sua repercussão na representatividade das mulheres negras nos prêmios: Tony, Emmy e Oscar. **Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte – MG. Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. De 7 a 9/6/2018. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1048-1.pdf> Acesso em: 15 set. 2024.